



Acusação de misoginia e denúncia no MPE

Primeira-dama Janja da Silva reage a Renan Santos e diz que o candidato a atacou por sua condição de mulher. Episódio está sob crivo do Ministério Público Eleitoral

» LUIZA ALTOÉ
» FERNANDA STRICKLAND
» DANANDRA ROCHA

A primeira-dama Janja Lula da Silva reagiu às declarações do candidato Renan Santos (Missão) durante o primeiro debate presidencial das eleições de 2026, realizado pela Band no domingo. Em nota encaminhada à emissora, ela afirmou que foi alvo de ataques pessoais e classificou as declarações como uma manifestação de misoginia. Renan contestou a avaliação e disse que fez críticas políticas a uma figura pública. O episódio também foi levado ao

Ministério Público Eleitoral (MPE). Durante o debate, Renan criticou a ausência do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e mencionou Janja ao dizer que o petista teria de ficar com “aquela Janja” e que encontraria “companhias melhores” se tivesse comparecido ao confronto. Em outro momento, afirmou que Lula estaria “ou bêbado ou com a Janja” e acrescentou que seria melhor estar bêbado. Na manifestação, Janja ressaltou que não é candidata e não estava no local para responder às declarações. Segundo ela, a referência à sua relação com Lula não pode ser tratada como crítica política porque teria

usado uma mulher para atingir um adversário eleitoral. A primeira-dama também afirmou que episódios desse tipo não devem ser normalizados e defendeu que debates sejam espaços para apresentação de propostas e confronto de ideias. “Situações como essa não podem ser normalizadas. O candidato atacou de forma pessoal e depreciativa uma mulher que não é candidata, não estava presente para se defender e não tinha qualquer relação com o tema em discussão. [...] Insinuar que a companhia da esposa de outro presidente seria motivo de pena está longe de ser uma crítica política. É mais uma maneira de deslegitimar e

ridicularizar a figura da mulher como ferramenta misógina para atacar um adversário político.” As declarações feitas durante o debate foram encaminhadas ao MPE. O candidato ao governo da Paraíba Olímpio Rocha (PSol) apresentou uma representação pedindo a apuração do episódio. O documento menciona possível injúria eleitoral e eventual violação ao artigo 243 do Código Eleitoral, que trata de propaganda eleitoral que deprecie a condição da mulher. A manifestação ainda precisa ser analisada pelo Ministério Público, que poderá decidir se há elementos para a adoção de providências.

Flávio promete manter benefícios sociais

O candidato à Presidência Flávio Bolsonaro (PL) desembarcou em Maceió (AL) ontem, ao lado do seu vice, o deputado federal Alfredo Gaspar (PL-AL). De acordo com a pesquisa Quaest, divulgada na segunda-feira, o senador está em segundo lugar na intenção de votos dos eleitores do estado, com 29%, perdendo para o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), com 44%. Flávio foi recebido por apoiadores como o deputado estadual Cabo Beбето (PL-AL) e o vereador Leonardo Dias (PL). No entanto, a ausência de duas lideranças de destaque no estado foram percebidas: a do deputado federal Arthur Lira (PP-AL), ex-presidente da Câmara, e a do ex-prefeito de Maceió João Henrique Caldas (PSDB-AL), o JHC.

Em coletiva de imprensa, Flávio confirmou que JHC será o candidato do grupo ao governo de Alagoas. Ele também defendeu investimentos no Nordeste, criticou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e assegurou a manutenção de programas sociais, como o Bolsa Família. Do aeroporto, Flávio e Gaspar saíram em uma carreta de oito quilômetros em direção às avenidas Durval de Góes Monteiro e Fernandes Lima, principais corredores de trânsito da capital. À tarde, eles se reuniram com empresários do setor produtivo, e, à noite, participaram da Convenção dos Ministros das Assembleias de Deus, uma comemoração dos 111 anos da Assembleia de Deus em Alagoas.

Charles Vieira/Flickr



Flávio Bolsonaro e Gaspar participaram de carreta em Alagoas

Caiado reitera intenção de anistiar golpistas

Reprodução/TV Globo



Caiado: anistia para “pacíficos pais”

O candidato à Presidência Ronaldo Caiado reiterou, ontem, que enviará ao Congresso um projeto de anistia “ampla, geral e irrestrita” para todos os golpistas do 8 de janeiro, incluindo condenados por participação, financiamento, incitação e outras responsabilidades relacionadas aos ataques às sedes dos Três Poderes. As declarações foram dadas na sabatina da TV Globo. Caiado evitou fazer uma avaliação direta sobre os relatos de ex-comandantes das Forças Armadas a respeito de uma suposta tentativa

de ruptura institucional após as eleições de 2022. Questionado sobre o tema, voltou a defender a necessidade de pacificar o país e encerrar o que classificou como um ambiente permanente de polarização. O candidato terminou a sabatina sem detalhar medidas concretas para algumas das principais questões econômicas que enfrentará caso seja eleito presidente. Mais cedo, Caiado cumpriu agenda em São Paulo, participando do Fórum Eleições 2026 da Agência Brasileira de Desenvolvimento

Industrial (ABDIB). Durante o evento, ele negou que seu partido tenha feito uma oferta ao adversário Romeu Zema (Novo), para que retire sua candidatura presidencial e passe a apoiá-lo. Caiado também defendeu a parceria com a iniciativa privada para expandir a geração de energia no país. “O Brasil conta hoje com 1,5 mil hidrelétricas de pequeno, médio e grande porte, enquanto a China tem 43 mil — e ainda nos vende carros elétricos”, afirmou o presidente.

Zema nega privatizar Caixa e Embrapa

O candidato à Presidência Romeu Zema (Novo) participou de uma sabatina promovida pelos jornais *O Globo*, *Valor Econômico* e *CBN* ontem. Ele também cumpriu agenda na comunidade Tavares Bastos, no Rio de Janeiro, onde defendeu medidas contra o crime organizado. Durante a sabatina, Zema afirmou querer privatizar todas as estatais, menos a Caixa Econômica e a Embrapa, além do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo ele, a

privatização não envolverá empresas operacionais. Também defendeu a revisão dos atuais incentivos fiscais concedidos, assim como a existência de um prazo de duração estipulado para duração dos benefícios tributários. O candidato também voltou a criticar o Supremo Tribunal Federal (STF) e afirmou que a Corte se transformou em um “balcão de negócios” para alguns ministros. Segundo ele, os últimos acontecimentos que ligaram magistrados ao escândalo

do Banco Master evidenciam que o Judiciário tem sido usado para fazer política, e não para apurar fatos. Zema também foi questionado pelos jornalistas sobre a investigação no STF que apura uma ligação entre o banqueiro Daniel Vercaro e o financiamento do filme *Dark Horse*, que conta a vida do ex-presidente Jair Bolsonaro. “Precisa dar explicações a respeito”, disse, em relação ao seu adversário na disputa presidencial, Flávio Bolsonaro (PL).

Reprodução/Redes Sociais



Zema voltou a criticar o Supremo

Endurecimento contra crime organizado

Instagram pessoal



Renan Santos: “Banho de sangue”

O candidato à Presidência Renan Santos (Missão) cumpriu agenda em São Paulo ontem. Ele participou de uma sabatina da TMC e, em seguida, do evento Fórum Eleições 2026 promovido pela Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDIB). Renan voltou a defender um endurecimento do combate ao crime organizado e citou um “banho de sangue” contra membros dessas organizações. Ainda destacou a necessidade de uma ampla reforma do sistema prisional com o

aumento do número de presídios. “Você vai precisar construir presídios e reformar as cadeias para que elas se pareçam mais com presídios e acabar com a superlotação”, afirmou durante a sabatina. O candidato voltou a criticar o modelo trabalhista atual e afirmou que a CLT teria se tornado inviável, por grande parte do salário ser convertido em impostos para o governo. O presidente defendeu a fiscalização das emendas parlamentares e disse que o “Congresso

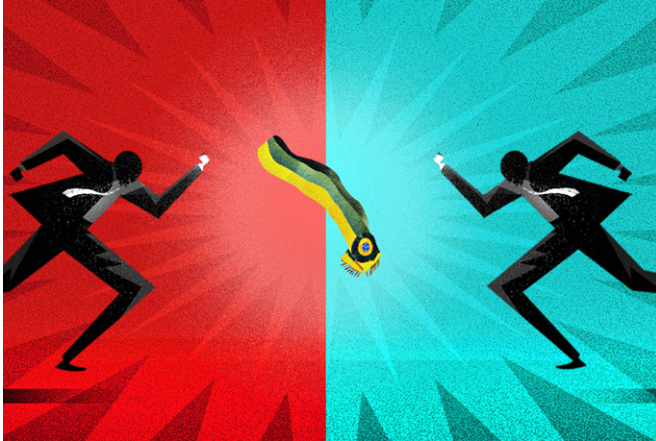
Nacional não se importa com projeto, com nenhum tema nacional, só se importa com emenda”. “A indústria da corrupção e da compra de voto no Brasil, que faz com que o Brasil seja uma meia democracia, é baseada na roubalheira de emenda”, disse. Ele enfatizou que pretende fiscalizar as emendas caso ganhe as eleições, colocando um procurador-geral da República independente. “Não vou acabar com a emenda, porque faz parte infelizmente da cultura da política brasileira.”

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Perigos do “Triângulo das Bermudas” (SP, MG e RJ) desafiam Lula e Flávio

“Um dia de cada vez”, máxima consagrada pelos Alcoólicos Anônimos, aplica-se sob medida às campanhas dos dois candidatos que polarizam a eleição presidencial: Luiz Inácio Lula da Silva, que pleiteia a reeleição, e Flávio Bolsonaro, herdeiro político do ex-presidente Jair Bolsonaro. A sucessão de fatos negativos produz oscilações nas pesquisas e obriga os marqueteiros das duas campanhas a ter menos ansiedade com o futuro e mais atenção aos problemas do presente, sobretudo àqueles aparentemente pequenos, mas capazes de assumir grandes proporções. Ao menos provisoriamente, a crise entre Flávio e sua madrastra, Michelle Bolsonaro, foi superada, com reflexos imediatos nas pesquisas em favor do enteado. Agora, é Lula quem está na berlinda. Seu filho Fábio Luis Lula da Silva, o Lulinha, e antigos auxiliares envolvidos em investigações relacionadas à atuação de uma lobista fragilizam a agenda social de Lula como defensor das camadas de menor renda.

Flávio, porém, também enfrenta vulnerabilidades próprias e não pode imaginar que os desgastes do adversário sejam suficientes para lhe garantir a vitória. As pesquisas nacionais mostram uma eleição muito apertada. No levantamento Datafolha divulgado na semana passada, Lula aparece com 39% e Flávio com 33% no primeiro turno. Numa simulação de segundo turno, o petista vence por 47% a 43%, diferença situada no limite da margem de erro. A rejeição dos dois é praticamente igual: 45% dizem que não votariam em Lula, e 46%, em Flávio. O cenário confirma que a polarização está consolidada, mas não significa que o resultado esteja definido.

A disputa presidencial, entretanto, não será decidida apenas pelos números nacionais. É aí que o “Triângulo das Bermudas” formado por São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, por analogia, justifica o apelido. Na navegação, é uma região famosa no Atlântico Norte associada a lendas de desaparecimentos inexplicáveis de navios e aviões, compreendida entre a Flórida (Estados Unidos), as Ilhas Bermudas e Porto Rico.

Os três estados concentram parcela decisiva do eleitorado brasileiro e podem engolir qualquer vantagem construída no restante do país. O equilíbrio nacional está assentado em duas grandes assimetrias regionais. Lula conserva ampla vantagem no Nordeste, enquanto Flávio lidera no Sul. Segundo o Datafolha, numa eventual disputa de segundo turno, o petista vence por 61% a 30% entre os nordestinos, enquanto o candidato do PL supera Lula por 50% a 38% no Sul. No Sudeste, há empate técnico. Isso significa que uma redução da vantagem de Lula no Nordeste ou de Flávio no Sul pode alterar o resultado nacional.

São Paulo continua sendo o principal problema de Lula. A nova pesquisa Quaest mostra empate entre Lula e Flávio, com 30% para cada um no primeiro turno, mas o Datafolha aponta vantagem do candidato do PL por 47% a 42% numa simulação de segundo turno. Uma derrota petista por cinco pontos no maior colégio eleitoral do país seria administrável, desde que Lula mantenha larga superioridade no Nordeste. Uma abertura maior, porém, poderia comprometer sua reeleição.

Palanques regionais

O palanque paulista favorece Flávio. O governador Tarcísio de Freitas lidera a disputa pela reeleição com 40%, contra 27% de Fernando Haddad. No segundo turno, Tarcísio venceria por 47% a 30%. A dúvida é se o governador vencer no primeiro turno, o que fará no segundo. Em tese, oferece a Flávio uma estrutura política robusta, apoio empresarial, capilaridade municipal e uma vitrine administrativa. Haddad, o candidato de Lula, carrega rejeição elevada e ainda precisa provar que pode reduzir a hegemonia da direita no interior paulista.

Minas Gerais apresenta desafio diferente. Lula e Flávio estão tecnicamente empatados, com pequena vantagem numérica para o presidente. O estado tem uma tradição de acompanhar o vencedor nacional e funciona como uma espécie de síntese política e social do país. É grande demais para ser compensado por outro colégio eleitoral e diversificado demais para ser conquistado inteiramente.

O problema é que nenhum dos dois presidentes dispõe, até agora, de um palanque estadual confiável. Cleitinho Azevedo lidera a disputa pelo governo, mas procura preservar um perfil independente e popular. Pode receber votos de eleitores bolsonaristas sem sair do muro. Ao mesmo tempo, o campo governista não conseguiu consolidar um nome capaz de unificar a base de Lula e polarizar a eleição estadual. Essa indefinição transforma Minas no estado mais perigoso para os dois lados. Em Minas, mais do que em São Paulo, a ausência de uma engenharia política sólida pode custar a Presidência.

No Rio de Janeiro, ocorre uma aparente contradição. Flávio disputa em casa, conta com a força histórica do bolsonarismo e aparece numericamente à frente de Lula, embora em situação de empate técnico. Ao mesmo tempo, o favorito ao governo é Eduardo Paes, aliado de Lula, que lidera com 37%, contra 14% de Douglas Ruas, candidato do PL. Num eventual segundo turno, Paes venceria Ruas por 50% a 20%.

Paes oferece a Lula um palanque forte, mas ambíguo. Precisa do apoio presidencial e das forças de centro-esquerda, porém evita colar no petismo para não perder eleitores conservadores. Flávio enfrenta o problema inverso: é forte na eleição presidencial, mas seu candidato ao governo ainda não acompanha esse desempenho. O “Triângulo das Bermudas” pode neutralizar a vantagem nordestina do presidente ou conter o avanço oposicionista no Sul.